

## MEMÓRIAS DE INFÂNCIA, EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E LITERATURA: JOSÉ SARAMAGO E ELIAS CANETTI

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (UNIP/USP)

Ao se estudar literatura infantil, principalmente sua história e seu processo de formação, é imprescindível que se leve em conta seu público leitor por excelência, a criança e, por continuidade, a infância, delineada em diferentes concepções ao longo dos séculos.

Para a construção da história (ou de uma história) da infância, os gêneros confessionais (memórias, narrativas de vida, autobiografias, diários íntimos), entre outros documentos, têm se constituído em uma rica fonte de pesquisa.

Nesse sentido, em uma perspectiva comparativista, apresentaremos algumas reflexões sobre as memórias de infância, quanto aos primeiros contatos com a literatura e o mundo da efabulação, de dois grandes escritores agraciados pelo Prêmio Nobel de Literatura: José Saramago, *Pequenas memórias*, e Elias Canetti, *A língua absolvida*.

### Os gêneros confessionais como fontes de pesquisa

Ao escolher gêneros da literatura confessional como objetos de estudo, deparamo-nos com alguns entraves e questões preliminares, muito discutidas, mas que ainda inquietam os estudiosos: Como definir uma autobiografia? Autobiografias podem ser consideradas documentos históricos fidedignos? Um texto autobiográfico pode ser considerado literário em si mesmo? Até que ponto o “autor-narrador-personagem” não estaria construindo seu passado ficcionalmente?

Em um primeiro momento, vejamos o que dizem alguns estudiosos a respeito dos gêneros confessionais e possíveis respostas para esses questionamentos.

O grande estudioso das “escritas do eu”, Philippe Lejeune, define a autobiografia como sendo:

Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2014:16)

Para o autor, há gêneros vizinhos à autobiografia que não preenchem todas essas condições, como as memórias, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário e o autorretrato. Memórias, por exemplo, seriam anotações de fatos, sobretudo os acontecimentos externos, como para se lembrar e lembrar o que aconteceu. Nesse sentido, as obras analisadas, apesar de serem “escritas do eu”, não representam o mesmo gênero. O livro *A língua absolvida* pode ser considerado uma autobiografia no strictu sensu, já que faz parte de uma trilogia que se propõe a registrar quase toda a vida do escritor búlgaro Elias Canetti. Já *As pequenas memórias*, como o próprio título já nos adianta, apresenta fragmentos da vida de José Saramago até seus 15 anos, muitas reflexões agrupadas sem uma preocupação cronológica.

Quanto ao aspecto ficcional e à forma literária da autobiografia, vista aqui de maneira bem ampla, podemos citar Colin Heywood (2004) que, em seu livro *Uma história da infância*, reconhece a autobiografia como objeto de estudo, mas destaca sua fragilidade factual enquanto forma literária:

As autobiografias, por exemplo, podem parecer uma porta de entrada segura para o mundo da criança, mas um olhar mais próximo revela que se está lidando com uma forma literária completa, com convenções próprias. Acima de tudo, é “uma revisão da vida a partir de um momento determinado” e, portanto, implica necessariamente alguma construção do passado.” (HEYWOOD, 2004. P.15-16)

Se o autobiógrafo for um romancista, como os aqui estudados, acreditamos que a construção do passado, por meio do fazer literário, seja um aspecto bastante considerável.

Em outra perspectiva, destacamos Jerome Bruner (2014), um estudioso das narrativas de vida, que utiliza o termo “autoconstrução” para se referir ao processo narrativo de uma autobiografia e o difere da narrativa ficcional, destacando questões internas e externas ao eu :

A criação do eu é uma arte narrativa, e embora ela seja mais limitada pela memória do que a ficção, ela é limitada de uma maneira complicada. (...)A construção de si, de modo anômalo, tem origem tanto interior quanto exterior. O interior dela(...) é constituído por memória, sentimentos, ideias, crenças, subjetividade(...)Mas muito da autoconstrução vem de fora para dentro\_ baseia-se na estima aparente dos outros e na miríade de expectativas que nós, desde cedo, ate mesmo sem pensar, recolhemos da cultura em que estamos imersos( BRUNER, 2014:75)

Consideramos que é realmente ténue limite entre o literário e o histórico, entre o imaginário e o factual, conforme nos aponta Maria Luiza Ritzel Remédios(1997):

Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é o objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire configurações diversas. Os textos que a constituem são agrupados, sendo suas semelhanças, em conjuntos diferentes, os quais dão origem a um determinado gênero da literatura íntima. O limite entre um gênero e outro é bastante ténue, assim como o entrecruzamento desses gêneros é comum ( REMÉDIOS, 1997:9).

Além disso, o eu que narra, não é mais o eu representado na autobiografia. No caso das memórias de infância, o narrador adulto resgata sua imagem de criança e se observa com outro olhar, conforme podemos observar neste expressivo trecho, exemplo da força poética da linguagem saramaguiana:

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que foi, *estava* simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava [...] (SARAMAGO, 2006:15)

A partir do exposto, verificamos que os gêneros autobiográficos ou confessionais, denominados também por “literatura confessional”, “escritas do eu” ou “autoconstrução”, apresentam uma variada nomenclatura e definições bem variadas, limites ténues entre o factual e ficcional, mas, nem por isso, devem ser desprezados, pois se constituem em uma fonte instigante, ora como objetos estéticos, ora como documentos históricos. Além disso, conforme dito por Heywood, constituem-se em uma

porta de entrada, segura ou não, para o mundo da criança e, conseqüentemente, contribuem para os estudos da literatura infantil.

### Diferentes concepções de infância

Como segundo ponto, é necessário que se sejam algumas considerações sobre a infância. Devemos destacar que não há apenas uma concepção de infância, mas várias. Ao pesquisarmos o termo “infância” em um dicionário comum, como Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, encontramos os seguintes verbetes:

1- na vida do ser humano, período que vai do seu nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia 2- Rubrica: termo jurídico. período da vida que é legalmente definido como aquele que vai desde o nascimento até os 12 anos, quando se inicia a adolescência 3- o conjunto das crianças Ex.: muito se diz e se escreve, e pouco se faz pela educação da infância. (HOUAISS, Acessado em 14 abr 2015)

À primeira vista, parece simples entender o que é a infância, mas defini-la é uma tarefa complexa. Eis um importante questionamento: as acepções apresentadas pelo dicionário seriam aceitas em qualquer época e contexto?

Segundo Philippe Ariès, em *História Social da Criança e Família* (1981), a resposta seria não, já que o termo “infância” nem sempre teve a acepção da atualidade. Para ele, o mundo medieval ignorava a infância, “*não percebia o período transitório entre a infância e a idade adulta.*” Sendo que, somente a partir do século XVII, houve uma evolução, um novo hábito da burguesia, com a acepção mais moderna do termo. Havia antes uma indiferença quanto aos fatores biológicos, pois a ideia de infância estava mais ligada à de dependência, um “*petit garçon*”, por exemplo, não era necessariamente uma criança, poderia ser um serviçal.

Heywood (2002) corrobora com essa ideia e acrescenta que a infância só pode ser compreendida como uma construção social, ou seja, os termos “criança” e “infância” são compreendidos de formas diferentes, em diferentes épocas e lugares, estando condicionados a questões culturais, filosóficas, econômicas e por muitas vezes

religiosas. A partir de uma perspectiva social e histórica, o autor conclui que não existe somente uma infância, mas várias:

Atualmente, no Ocidente, acabamos realmente por associar a infância, em termos gerais, a características como inocência, a vulnerabilidade e a assexualidade, enquanto pessoas em lugares como, digamos, as favelas da América Latina ou regiões devastadas pela guerra da África, provavelmente não o fariam.” (HEYWOOD, 2004-P.12)

A partir de tais considerações, que concepção de infância pode ser observada nas obras autobiográficas de Elias Canetti José Saramago? Até que ponto é possível considerar que diferentes contatos com a leitura e com a literatura podem contribuir para a identificação de diferentes concepções de infância? Vejamos se há respostas para tais questionamentos.

### **Reflexões sobre As pequenas memórias e A língua absolvida**

*As pequenas memórias* (2006) corresponde ao período de 4 aos 15 anos do autor português José Saramago (1922-2010), ou seja, a década de 1930 em plena ditadura salazarista.

Com o início do Estado Novo (1933-1974), Portugal sofreu várias transformações, inclusive no que concerne à educação. Ao povo caberia somente a instrução básica, para que absorvesse com maior facilidade os ideais do regime e sua doutrina. A política educativa era de austeridade, passando o tempo de escolaridade obrigatória de quatro para três anos, sendo que os programas da escola primária também foram reduzidos. Nesse sentido, referenciamos Natércia Rocha, para quem a redução do tempo escolar trouxe graves consequências:

A redução do tempo de contato com a escola provocaria naturalmente uma diminuição grande das oportunidades para a possível habituação da criança ao livro, para treino de leitura seguida. Como amar o que não se chega a conhecer? (ROCHA, 1984:74)



A partir dos dados apresentados, pode-se supor que, com a redução do período escolar, a educação informal, nas ruas ou junto à família, ganharia mais espaço, e como consequência, os periódicos, os programas de rádio e o iniciante cinema a baixos custos, assumiram uma postura não somente de entretenimento, mas também de aprendizado.

Não é de se estranhar que Saramago não apresente memórias significativas de seu tempo de escola. Ao invés disso, destaca a instrução informal, a contação de histórias de seu avô, as fugas para o cine “Piolho”, a leitura de livros “para adultos”. Nota-se em sua narrativa um tom saudosista, e por vezes amargo, de uma infância pobre, com pouquíssimo acesso aos bens culturais da elite culta, mas com um acervo cultural popular grandioso. A concepção de que a criança é um “adulto em miniatura”, observada fortemente na Idade Média e posteriormente retomada no século XIX com a Revolução Industrial, parece-nos aplicável.

Como dissemos, em *As pequenas memórias*, Saramago apresenta-nos digressões sobre diferentes temas, sem uma preocupação cronológica. Lembra de seu difícil relacionamento com o pai, da convivência com outras famílias na mesma casa, da escola, dos namoricos, das primeiras experiências sexuais, de seus medos e traquinagens, de suas férias com os avós e de sua já atenta percepção da sociedade.

Nasceu em Azinhaga, no interior, mas logo cedo se mudou com os pais para Lisboa. Lá, viviam mudando de casas, verdadeiros cortiços onde várias famílias ocupavam o mesmo espaço.

Desse convívio, o autor lembra-se das audições do romance *Maria, a fada dos bosques*, “que tantas lágrimas fez derramar à famílias dos bairros populares lisboetas nos anos 20” (SARAMAGO, 2006:94) e cujos capítulos eram esperados ansiosamente por adultos e crianças.

Nessas casas pobres, livros e jornais eram tão raros que Saramago se surpreendeu quando seu pai trouxe um *Diário de Notícias* para casa:

[...] passei, quase sem transição, para a frequência regular dos estudos superiores da língua portuguesa na figura de um jornal, o Diário de Notícias, que meu pai levava todos os dias para casa e que suponho lhe era oferecido por algum amigo, um ardina dos de boa venda,

talvez o dono de uma tabacaria. Comprar, não creio que comprasse, pela pertinente razão de que não sobrava dinheiro para gastar em semelhantes luxos. De modo que, mal sabendo ainda soletrar, já lia, sem perceber que estava lendo. Identificar na escrita do jornal uma palavra que eu conhecesse era como encontrar um marco na estrada a dizer-me que ia bem, que seguia na boa direção.” (SARAMAGO, 2006:97-98)

Assim, Saramago inicia sua leitura, sem qualquer incentivo da família, no jornal do qual seria diretor anos mais tarde, conforme tecidas as malhas do destino.

Segundo o autor, contudo, sua primeira grande experiência como leitor ocorreria através do romance *A Toutinegra do moinho*, de Émile de Richebourg, folhetim francês, que pertencia a Conceição Barata, que morava com o marido e seus filhos junto a família do escritor. Obra considerada um folhetim romanesco, representante de uma literatura “rosa”:

Ora, aconteceu que nessa casa onde não havia livros, um livro havia, um só, grosso, encadernado, salvo erro em azul-celeste, que chamava *A Toutinegra do Moinho* e cujo autor, se a minha memória ainda esta vez acerta, era Émile Richebourg [...] habilíssima pessoa na arte de explorar pela palavra os corações sensíveis e os sentimentalismos mais arrebatados [...] Este romance iria tornar-se na minha primeira grande experiência de leitor. (SARAMAGO, 2006: 99)

Além das letras, sua imaginação era constantemente alimentada pelas contações de histórias de seu avô Jerônimo e pelos filmes que assistia com frequência:

A responsabilidade de tais pavores, creio, teve-a aquele famoso Cinema Piolho, na Mouraria, onde, com o meu amigo Félix, me alimentei espiritualmente das mil caras de Lon Chaney, de gente malvada e cínicos da pior espécie de visões de fantasmas, de magias sobrenaturais, de torres malditas, de subterrâneos lóbregos, enfim, de toda a parafernália, então ainda no jardim da infância, do susto individual e coletivo a baixo preço (SARAMAGO, 2006:57-58).

O autor não nos dá informações sobre seu contato com a literatura infantil, o que não nos surpreende já que as produções literárias para crianças em Portugal nos anos 20 e 30 eram um luxo, geralmente livros importados, com raras produções

nacionais. Havia vários jornais para crianças, como *O senhor doutor*<sup>1</sup>, contudo, seu público alvo eram as crianças da elite.

A obra do escritor búlgaro, naturalizado inglês, Elias Canetti (1905-1994), apresenta-nos outro contexto, delineado em outra época e lugar.

Como dissemos, *A língua absolvida* (1977) é o primeiro volume de uma trilogia autobiográfica, seguido por *Uma luz em meu ouvido* e *O jogo dos olhos*; e retrata desde o nascimento do autor até seus 17anos, ou seja, majoritariamente a década 1910, quando sua família migrou da Bulgária e passou a viver em Viena, na Áustria e Manchester, na Inglaterra.

Tal migração se deve principalmente a conflitos familiares, à morte do pai e às atribulações da Primeira Guerra Mundial, quando se destacaram na Europa várias transformações de ordem política e econômica.

Nesse contexto, os países como Inglaterra e Alemanha, por exemplo, viam-se ameaçados quanto à sua soberania e ao destino de suas nações. Surge, como consequência, a busca incessante pela eficiência nacional, por um lado, e a luta contra a degeneração das crianças e jovens por outro.

Para alcançar tais objetivos, tornou-se fundamental valorizar os cuidados com a saúde, a higiene, a educação e a moral para construção de nações fortes. Há, como exemplo, a implantação do escotismo por Robert Baden Powell na Inglaterra, em 1907, o qual tinha como intuito principal proteger os meninos ingleses da degeneração e do contato com gangues.

Assumiu-se, portanto, uma posição bastante nacionalista, voltada principalmente para crianças e jovens, como forma de solidificar as estruturas diante da crise política e econômica que assolava não só a Inglaterra, mas toda a Europa.

Segundo Heywood, em um jornal britânico de 1910, temos, por exemplo, a seguinte citação: “*A criança de hoje tem a chave para o reino de amanhã*” (*Child*

---

<sup>1</sup> Esse jornal foi objeto de estudo em nossa tese de doutoramento, na qual questões referentes às concepções de infância e educação são discutidas em profundidade: **A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português *O senhor doutor* e da revista brasileira *O Tico-Tico***. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-07122012-105735/pt-br.php>



*Welfare Annual*, apud HEYWOOD, 2004:44). Curiosa, ou lamentavelmente, tal frase ecoa no vazio e tornou-se atualmente um frequente clichê.

É nessa época também que a literatura infantil apresenta grande destaque em alguns países europeus, como Inglaterra e França, com o surgimento de várias adaptações de livros para crianças e novos autores especializados nas produções infantis.

Quanto a Canetti, vale dizer que advém de uma família burguesa e letrada que sofreu percalços financeiros na época da guerra, mas não deixou de valorizar a educação e a leitura, seguindo os padrões de sua época e contexto. No trecho a seguir, o autor conta com muito carinho seu primeiro contato com a leitura e o constante incentivo paterno para que lesse mais:

Alguns meses depois de meu ingresso na escola, aconteceu algo solene e excitante que determinou toda a minha vida futura. Meu pai me trouxe um livro. Levou-me para um quarto dos fundos, onde as crianças costumavam dormir, e o explicou para mim. Travava-se de *The Arabian nights*, numa edição para crianças. Na capa havia uma ilustração colorida, creio que de Aladim com sua lâmpada maravilhosa. Falou-me, de forma animadora e séria, de como era lindo ler. Leu-me uma das histórias; tão bela como essa seriam também as outras histórias do livro. Agora eu deveria tentar lê-las e à noite eu lhe contaria o que havia lido. Quando eu acabasse de ler este livro, ele me traria outro (CANETTI, 2010:51)

Mesmo antes de saber ler, o autor nos conta como seu contato com a efabulação se deu por meio de sua fértil imaginação:

[...] Em casa, eu costumava brincar sozinho no quarto das crianças. Na verdade, brincava pouco, pois me dedicava a falar com o papel de parede. O padrão do papel de parede, com muitos círculos escuros, me parecia gente. Inventava histórias em que eles interviam, ou lhes contava histórias, ou brincava com eles; nunca me cansava das pessoas do papel de parede, e podia me distrair com elas durante horas. (CANETTI, 2010:50)

Comparando essas duas experiências de leitura e contato com o imaginário, podemos identificar diferentes concepções de infância: a criança indistinta do adulto e a criança vista em sua singularidade.

José Saramago, como uma criança pobre e do povo, foi inserida no mundo adulto, do qual não se distinguia, compartilhando experiências de leitura e bens culturais, sejam as narrativas orais, os folhetins, os romances açucarados, os filmes ou mesmo os jornais.

Já Elias Canetti, uma criança burguesa, foi apresentado logo cedo à literatura infantil, a produções adaptadas para crianças, conforme ele mesmo relata. Livros coloridos, ilustrados e repletos de aventuras.

Finalizando este texto, mas não nossas análises, não podemos afirmar que as memórias apresentadas por esses dois autores e as situações vivenciadas por eles sejam paradigmas, nem mesmo que outros de sua geração, em condições semelhantes, tenham tido as mesmas experiências de leitura. Contudo, devido à sua relevância na literatura mundial, acreditamos que tais exemplos devam ser levados em consideração e podem contribuir para configuração de *uma* história da infância, *uma* história da literatura infantil que leva em conta que as produções para crianças, como as conhecemos e apreciamos, durante muito tempo foram privilégio de poucos.

## Referências

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. /Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S/A 1981.

BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias- direito, literatura, vida*. Trad. Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CANETTI, Elias. *A língua absolvida*. Trad. Kurt Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 2010. ( 1 ed. 1977).

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância. Da Idade Média à Época contemporânea no ocidente. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. 2 ed. Trad. Jovita M G Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ROCHA, Natércia. *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. Lisboa: Caminho, 2006.